



***ORÁCULOS NA SALA DE AULA: RESISTÊNCIAS CRIATIVAS EM
EDUCAÇÃO***

***ORÁCULOS EN EL AULA: RESISTENCIAS CREATIVAS EN
EDUCACIÓN***

***ORACLES IN THE CLASSROOM: CREATIVE RESISTANCES IN
EDUCATION***

Ana Rita Mayer¹

Martha Giudice Narvaz²

RESUMO

Na intenção de contribuir com a criação de ferramentas e intervenções feministas decoloniais na educação, este artigo propõe a criação de práticas a partir do oráculo Mulheres e Seus Poderes de Transformação - conjunto de 40 cartas com imagens de mulheres protagonistas de diversas épocas e campos do saber - que pode ser utilizado em diversos espaços educativos. Tomando o oráculo como ferramenta que reativa a magia da força subversiva das mulheres por meio de suas imagens e histórias de luta e transformação, percorremos práticas que vêm produzindo encontros e afetamentos na direção do resgate das forças das mulheres ao longo da história. Problematizamos a superioridade do pensamento racionalista e científico patriarcal e propomos a bruxaria e o pensamento mágico como dispositivos de resistência e reencantamento. A proposta inscreve-se como forma de resistência criativa à desqualificação dos saberes da intuição, associados às mulheres ao longo dos séculos.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas feministas. Educação. Oráculos. Saberes Contra-hegemônicos

RESUMEN

Con la intención de contribuir con la creación de herramientas e intervenciones feministas decoloniales en educación, este artículo propone la creación de prácticas basadas en el oráculo Mujeres y sus Poderes de Transformación – un conjunto de 40 cartas con imágenes de mujeres líderes de distintas épocas y campos del conocimiento – que puedan ser utilizadas en distintos espacios educativos. Tomando el oráculo como

¹ Mestranda em educação (PPGED/UERGS). UERGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

² Pós-doutora em educação (UFRGS, 2020). UERGS, Porto Alegre, RS, Brasil.

herramienta que reactiva la magia de la fuerza subversiva de las mujeres a través de sus imágenes e historias de lucha y transformación, exploramos prácticas que han producido encuentros y afectos hacia el rescate de las fortalezas de las mujeres a lo largo de la historia. Problematizamos la superioridad del pensamiento racionalista y científico patriarcal y proponemos la brujería y el pensamiento mágico como dispositivos de resistencia y reencantamiento. La propuesta es una forma de resistencia creativa a la descalificación del conocimiento intuitivo, asociado a las mujeres a lo largo de los siglos.

PALABRAS-CLAVE: Prácticas feministas. Educación. Oráculos. Saberes contrahegemónicos.

ABSTRACT

With the intention of contributing to the creation of decolonial feminist tools and interventions in education, this article proposes the creation of practices based on the Women and their Powers of Transformation oracle - a set of 40 cards with images of leading women from different eras and fields of knowledge - that can be used in various educational spaces. Taking the oracle as a tool that reactivates the magic of women's subversive strength through its images and stories of struggle and transformation, we explore practices that have produced encounters and affects towards the recovery of women's strengths throughout history. We problematize the superiority of patriarchal rationalist and scientific thinking and propose witchcraft and magical thinking as devices of resistance and re-enchantment. The proposal is inscribed as a form of creative resistance to the disqualification of intuitive knowledge, associated with women throughout the centuries.

KEYWORDS: Feminist practices. Education. Oracles. Counter-hegemonic knowledge.

* * *

Introdução

A liberdade de ensinar e de aprender tem sido ameaçada diante do avanço de políticas neoconservadoras e neoliberais nos contextos políticos e educacional, tanto no Brasil quanto no mundo. Obstáculos à educação sobre gênero e sexualidade bem como a proliferação de discursos antigênero e antifeministas no senso comum (Flávia Biroli; Juan Marco Vaggione; Maria das Dores Campos Machado, 2020) impactam diretamente na organização dos currículos, na formação docente e nas políticas educacionais como um todo.

É histórica a tentativa de exclusão das mulheres dos espaços de saber/poder. No campo da educação, ainda na atualidade, nas coleções didáticas de História, por exemplo, além de imagens estereotipadas, há uma invisibilidade das mulheres, sobretudo as racializadas, como produtoras de conhecimento e cultura (Vera Lúcia Caixeta; Daniel Arruda, 2023). No ensino das Artes (Luciana Loponte, 2008) e da

Biologia (Camila Clozato Lara; Gabrielen Silva de Abreu, 2022), entre outros, também se percebe a omissão das mulheres como protagonistas nos livros-texto. É preciso problematizar tais omissões bem como as imagens que circulam acerca das mulheres nos livros didáticos, sobretudo as racializadas, uma vez que as imagens são potentes dispositivos de subjetivação (Paola Zordan, 2017) e nos (in)formam, impondo uma certa pedagogia (Loponte, 2008).

Buscamos aqui apresentar algumas possibilidades de resistência criativa à desqualificação dos saberes e das imagens das mulheres, resgatando suas forças por meio dos oráculos. Mas cabe perguntar: Pode um oráculo ser força de resistência no campo das políticas afirmativas para as mulheres, em especial na educação? O oráculo que apresentamos aqui é o *Mulheres e Seus Poderes de Transformação*, criado por uma das autoras, em 2017. Desde então, vem sendo utilizado em várias práticas educativas, tanto em espaços escolares quanto não escolares de aprendizagem. Trata-se de um conjunto de quarenta cartas que trazem imagens, selecionadas pela força que emanam, e por serem de domínio público, de mulheres reais de diversos contextos históricos e sociais, como exemplo: Chimamanda Adichie, Pagu, Luísa Mahin, Maria da Penha, dentre muitas outras. A escolha priorizou a diversidade de épocas, origens e etnias, e a forma revolucionária como elas romperam barreiras de seu contexto social, reivindicando direitos, fazendo história, seja no campo das Artes, das Ciências ou da Filosofia. Outras mulheres presentes são: Frida Kahlo, Elza Soares, Angela Davis, Domitila Chungara, Luz del Fuego, Juana Azurduy, Emma Goldman, Olga Benário³. As cartas (figura 1) trazem também uma palavra, relacionando cada mulher a uma força ou qualidade, inspirada em sua trajetória de protagonismo e resistência. O oráculo acompanha um pequeno livreto (figura 2) com o resumo da biografia de cada uma das mulheres representadas, junto a uma definição poética sobre uma palavra a ela associada, inventada pela autora, como demonstrado na Figura 1. Por exemplo:

³ Imagens ilustrativas da maioria das cartas estão anexadas ao final do artigo.

Harriet Tubman (1822 – 1913) nasceu escravizada no sul dos Estados Unidos, de onde fugiu a pé até a Filadélfia, onde a escravidão não era mais legal. Lá, Harriet juntou-se a rede de ativistas e voltou clandestina diversas vezes ao sul, para resgatar cerca de 300 pessoas da escravidão, incluindo familiares e amigos. (...) Harriet sabia que sua liberdade não seria plena enquanto seu povo não estivesse livre também. **Solidariedade** é quando sabemos que somos parte de um coletivo, e assim potencializamos nossas qualidades e ações em prol de um objetivo maior. (autora)

Mulheres e Seus Poderes de Transformação é organizado em uma pequena caixa, e, atualmente, é comercializado para todo o Brasil⁴. Também já foi distribuído de forma gratuita para professoras do Rio Grande do Sul, por meio de um edital de incentivo à cultura.⁵

O oráculo M.P.T.6 traz uma perspectiva feminista de conhecimento na medida em que dá visibilidade às trajetórias revolucionárias destas mulheres - o que pode incidir de forma transversal e interdisciplinar em várias práticas da educação básica - articulando literatura, artes e história, entre outras. Pretende-se contribuir com a implementação da lei 14.986, sancionada em setembro de 2024, que acrescentou à LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) a inclusão de abordagens que considerem as experiências e perspectivas femininas nos currículos do Ensino Fundamental e do Ensino Médio e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País (Brasil, 2024). Além disso, o oráculo é também um convite para as mulheres - a grande maioria das profissionais da educação básica, bem como às estudantes - a olharem para si e para suas próprias forças, bem como um convite aos homens, educadores e estudantes, a conhecerem e valorizarem as realizações das mulheres ao longo da história em vários campos do saber. O oráculo pode ser utilizado de diferentes e criativas formas, tanto nas práticas educativas escolares quanto em momentos de formação docente.

⁴ Está disponível no site www.lagartacriacoes.com ou na página do instagram @lagartacriacoes. O valor de cada exemplar é, atualmente R\$68,00 (sessenta e oito reais).

⁵ Edital Criação e Formação – Diversidade das Culturas, da Fundação Marcopolo e Sedac/RS (2021).

⁶ Referimos ao Mulheres e Seus Poderes de Transformação com a sigla MPT para facilitar a leitura.

FIGURA 1: Imagem das cartas do MPT



Fonte: Arquivo pessoal

FIGURA 2: Livreto



Fonte: Arquivo pessoal

O que pode um oráculo na educação? Desde a realização de rodas de conversa, pesquisas, feiras, atividades de expressão artística junto a estudantes ou práticas

pedagógicas em contextos escolares diversos como o prisional, educação de jovens e adultos, dentre outros, as cartas atuam como disparadoras de conversas e dinâmicas sobre as histórias das mulheres ali representadas. Utilizadas para trabalhar aspectos de valorização das histórias das mulheres, envolvendo questões de gênero/corpo/poder e protagonismos femininos em vários campos do saber/fazer, estas práticas têm sido muito bem recebidas em todos os espaços pelos quais tem transitado, gerando interesse e curiosidade. Nestas experiências, é comum observar o “espanto” diante do fato de você “tirar uma carta” e ela “casualmente” ter a ver com você. Algo acontece. Há uma conexão entre as forças das imagens e das palavras. Intuição? Sincronicidade? Magia? Essa experiência provoca a pensar o lugar do saber intuitivo na educação: Como criar espaço para ele? Como apostar num saber contra-hegemônico⁷, que não seja o racionalista e cientificista, nas práticas educativas?

⁷ Por “saberes contra-hegemônicos” compreendemos que são formas de conhecimento que desafiam a lógica dominante imposta por grupos hegemônicos — geralmente vinculados à tradição eurocêntrica, científica e institucionalizada. Esses saberes valorizam experiências, culturas e epistemologias marginalizadas, como as de povos indígenas, comunidades quilombolas, saberes populares e saberes das mulheres, entre outros. São saberes que valorizam a pluralidade epistemológica, estão ligados à resistência cultural e política, buscam a descolonização do conhecimento, são construídos a partir da vivência e da ancestralidade. Segundo o artigo “Contra Hegemonia e Pluralidade de Saberes na Educação à Luz da Sociopoética” (2020) de Monaliza Holanda dos Santos e Eugênia de Paula Benício Cordeiro, esses saberes são fundamentais para ampliar os horizontes educativos e acolher perspectivas diversas na construção do conhecimento.

FIGURA 3: MPT sendo utilizado em espaço educativo

Fonte: Arquivo pessoal

Reativar a magia: Os oráculos

Oráculos são ferramentas que rompem com a lógica de causa e efeito dentro de um tempo linear, ampliando nosso repertório de possibilidades de pensamento e criação. São instrumentos de magia, no sentido de provocarem uma relação não-racional-lógica com o conhecimento, de produzirem sabedoria através da intuição - também uma forma de conhecimento. Ao pensar sobre este artifício tão difundido e tão antigo, não interessa aqui estabelecer sua “validade” enquanto “verdade” - “será que ele funciona, ou não?” Importa pensar as forças que podemos mobilizar por meio dele na direção de uma educação mais criativa.

Os oráculos estão presentes em diversas culturas e têm origem em muitas épocas diferentes, podendo ter inúmeros formatos e materiais, tais como cartas, pedras, conchas, nuvens. São, geralmente, um conjunto de objetos que formam um padrão, um “esquema” - como as runas, os búzios e, o i ching, entre outros - padrão que não é necessariamente fixo ou predeterminado, permitindo variações geradoras de múltiplas leituras e sentidos.

Para Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino (2019), educadores e pesquisadores de culturas populares, o Ifá - oráculo da cultura yorubá - é um “sistema poético que guarda as narrativas explicativas de mundo [...] princípio/potência múltiplo que opera em diferentes tempos/espacos sendo pluriversal, plurilinguista e polirracional” (Simas; Rufino, 2019, p. 37). Para o psicanalista Carl Gustav Jung (2020), os oráculos são uma ferramenta que possibilita a tomada de consciência da ideia de totalidade por meio da sincronicidade - a associação entre diferentes elementos no tempo e no espaço - que permite acessar conteúdos inconscientes. Ou seja, podem ser entendidos como “uma ponte não racional sobre o aparente divisor de águas entre o inconsciente e a consciência” (Sallie Nichols, 1997, p. 16).

A “magia” enquanto forma de saber e potência de criação é, neste caso, a transformação da realidade por meio de saberes provenientes do corpo e da intuição, e não de acordo com os critérios de racionalidade hegemônicos no pensamento ocidental, marcadamente androcêntrico. É justamente por não atender às regras do método científico que a magia é considerada um conhecimento “menor”, com menos validade. As ciências, desde seu surgimento na modernidade racionalista, buscaram apartar-se de determinados saberes, incluindo-se aí os saberes produzidos e praticados pelos não europeus e pelas mulheres, dentre eles: a alquimia, a feitiçaria e o xamanismo, práticas e saberes desqualificados e marginalizados pelo pensamento humanista, patriarcal, racionalista e colonial (Perencini, 2020; Starhawk, 2018).

O antropólogo Claude Lévi-Strauss (1991), no entanto, considerava o pensamento mágico em sua perspectiva própria, como um sistema articulado com sua própria lógica e coerência interna. A magia, assim como a ciência, busca compreender e controlar o mundo, mas o faz por meio da lógica simbólica e associativa, conectando diferentes elementos do mundo natural e social. Ela é vista como uma maneira de estruturar a experiência e a percepção do mundo.

Houve um tempo, inclusive, no qual ciência, magia e religião não constituíam domínios separados. Paola Zordan, em “Os saberes Mágicos do Início da Modernidade”

(2013), resgata a alquimia como a expressão de uma época em que “Ciência, filosofia, arte e magia tratavam da mesma coisa: Da procura incessante das causas profundas, cujo conhecimento seria a chave para a decifração dos signos invisíveis que regiam o corpo e a Natureza” (Zordan, 2013, p. 158). No Renascimento europeu, o saber provinha de analogias, da forma mágica de pensar, que se propunha a identificar as semelhanças para melhor entender e lidar com a natureza (Zordan, 2013, p. 157)

A sabedoria é concebida como capacidade de decifrar as similitudes invisíveis entre os astros, as estrelas, os minerais, as plantas, os animais, as horas do dia, as épocas do ano e as partes do corpo humano. A alquimia era uma prática inerente ao conhecimento do cosmos e a magia era o domínio da vontade do sábio sobre a matéria. Um tipo de conhecimento que superpõe conjunção e ajustamento (conveniência) entre seres distintos e correspondência entre domínios diferentes, afastados e separados no espaço (Zordan, 2013, p. 157).

Em “Magia: O que é, como se criou, e porque interessa” (2021), Paola Zordan traça paralelos entre a magia e a arte, e nos conta sobre uma “arte combinatoria”: conhecimentos que associavam os elementos (terra, água, fogo, ar) a certas características e qualidades, e buscavam compreender os padrões da Terra, do Universo, da humanidade, dos números, etc. Estes saberes não necessariamente eram organizados através de uma instituição, e foram desenvolvidos em diversas partes do mundo. Pensando a relação entre a origem das palavras *imagem*, *imaginação*, *magô*, *magia*, Paola Zordan entende a magia como uma forma de arte, pois está relacionada à associação de imagens, e tem suas origens em uma cultura na qual todo saber era arte.

Pensamento mágico, para Paola Zordan, é um sistema de pensamento que considera as forças e sensações que não se traduzem em imagens já dadas. É a partir do encontro com essas forças - através do corpo e da intuição - que o pensamento mágico sugere a criação de novas imagens, novas conexões e relações entre eventos, a criação de sentidos para o que é vivido e experienciado. O pensamento mágico aqui invocado “desafia os postulados da ciência moderna, o que não implica recairmos em um pensamento anticientífico, mas nos obriga a escrever esgueirados para além das

categorizações disciplinares nas quais fomos catequizados” (Thiago Perencini, 2020, p. 20-21).

Ao contrário do que apresentam as narrativas dos inquisidores dominicanos Heinrich Kramer e James Sprenger em *Malleus Maleficarum* (1976), publicado originalmente em 1487, o pensamento mágico não precisa acontecer no meio de uma floresta, ao redor de uma fogueira, por mulheres velhas que utilizam chapéus e voam em vassouras. Ele está presente onde há intenção, e pode ser reativado. O que perde a educação quando dá continuidade ao processo de apagamento destes saberes?

A criação de atividades por meio de um oráculo sobre mulheres, em sala de aula é, portanto, uma forma de mobilizar saberes contra-hegemônicos - os saberes do corpo, da intuição, mobilizando um sistema de pensamento e de ação no mundo cujo funcionamento não está embasado em “comprovações científicas”, em explicação do tipo causa e efeito – como orienta, historicamente, o ensino tradicional, desde a modernidade. Em se tratando de cartas que trazem imagens de mulheres cujas trajetórias transgridem padrões e estereótipos de sua época e contexto social (ou seja, histórias contra-hegemônicas) para além do caráter não-tradicional da sua prática, o oráculo povoa a sala de aula com uma diversidade de possibilidades de modos de vida e existência, por meio das histórias de mulheres indígenas, quilombolas, LGBTQIAP+, dentre outras. Resgatar os saberes mágicos das mulheres com os poderes que trazem consigo é uma forma de resistir à desqualificação das mulheres como produtoras de conhecimento e fazer o enfrentamento à educação racionalista colonial. É uma das formas de despatriarcalizar a educação.

A caça às bruxas e o desencantamento do mundo

Em *O Calibã e a Bruxa* (2017), a filósofa Silvia Federici relaciona a criminalização da magia à acumulação primitiva do capital e ao patriarcado. Segundo ela, a caça às bruxas foi fundamental para que as novas relações de trabalho se

consolidassem na Europa, exigindo uma nova relação com o corpo: Se antes era parte dos mistérios da natureza, agora o corpo seria máquina de produção. O corpo precisava ser domesticado, disciplinado para o trabalho, cujos ciclos deveriam atender à rotina da fábrica. Contudo, diz a autora, apesar de atacada pela igreja, a visão mágica do mundo permanecia viva na população, ainda que na clandestinidade. A magia simbolizava uma forma de poder que permitia obter o que se desejava sem o esforço do trabalho. Era preciso erradicá-la para obrigar o corpo ao trabalho, bem como submetê-lo à razão: “O mundo deveria ser desencantado para poder ser dominado” (Federici, 2017, p. 313). Como convencer trabalhadores e trabalhadoras a submeterem-se aos dias e horas de produção apartados dos ciclos da natureza, das orientações divinatórias e de seres invisíveis? “Uma concepção do cosmos que atribui poderes especiais ao indivíduo - o olhar magnético, o poder de tornar-se invisível, de abandonar o corpo [...] era igualmente incompatível com a disciplina do trabalho capitalista.” (Federici, 2017, p. 259). A magia desafiava o poder das autoridades e dava aos pobres - principalmente às mulheres - “a capacidade para manipular o ambiente natural e social” (Federici, 2017, p. 314), podendo subverter a ordem imposta. Assim, “a batalha contra a magia sempre acompanhou o desenvolvimento do capitalismo, até os dias de hoje. A premissa da magia é que o mundo está vivo, que é imprevisível e que existe uma força em todas as coisas” (Federici, 2017, p. 312).

Neste contexto, o racionalismo de René Descartes foi o paradigma de sustentação à nova ordem econômica. A fim de controlar as vontades “irracionais”, o filósofo “separou” a alma do corpo. Uma alma bem orientada tomaria o controle do corpo e do comportamento, que não mais seria influenciado por fatores externos como as constelações ou os seres invisíveis. “Com a instituição de uma relação hierárquica entre a mente e o corpo, Descartes desenvolveu as premissas teóricas da disciplina do trabalho requerida para o desenvolvimento da economia capitalista” (Federici, 2017, p. 271) e instaurou um pensamento dualista: separou a razão da emoção, a humanidade da

natureza e a mente do corpo - o que orienta os sistemas de educação desde a modernidade.

Entretanto, as mulheres dominavam saberes que não correspondiam à fragmentação proposta pela ciência que buscava se consolidar. As mulheres sábias viviam uma relação integrada com a natureza, manejavam suas próprias medicinas e tinham uma compreensão e conexão profundas com seus próprios ciclos. Um corpo que conhecia as plantas, se curava, se relacionava com o mistério e ofertava esse saber, tornava-se uma referência de poder na comunidade. Esses saberes precisavam ser desqualificados, apagados, diabolizados, pois não se submetiam à lógica racionalista que tudo pretendia medir, calcular e compreender, para dominar. Para Carolyn Merchant (1980, p. 366), a “mulher-enquanto-bruxa foi perseguida como a encarnação do ‘lado selvagem’ da natureza, de tudo aquilo que na natureza parecia desordenado, incontrolável e, portanto, antagônico ao projeto da nova ciência”.

O substrato mágico formava parte de uma concepção animista da natureza que não admitia nenhuma separação entre a matéria e o espírito, e deste modo imaginava o cosmos como um organismo vivo, povoado de forças ocultas, onde cada elemento estava em relação ‘favorável’ com o resto [...] cada elemento - as ervas, as plantas, os metais e a maior parte do corpo humano - escondia virtudes e poderes que lhe eram peculiares. (Federici, 2017, p. 257)

Desencantar o mundo significava aniquilar o poder da magia, mas não qualquer magia, e sim aquela que dava protagonismo e poder às mulheres, sobretudo das classes mais empobrecidas. O desenvolvimento do capitalismo precisava do controle das mulheres, de seus corpos e de seus poderes mágicos, que desafiavam a ordem racionalista e capitalista que se perfilava (Federici, 2017). Com o passar dos séculos, o pensamento racionalista se impôs sobre os povos colonizados por meio, inclusive, da educação. O projeto-escola trouxe consigo a negação dos saberes mágicos, advindos do corpo e da relação com as forças invisíveis da natureza. Ainda hoje há preconceito e pouca informação sobre saberes não-científicos, e “magia” é uma palavra que remete à superstição. “A perseguição às Bruxas nos deixou um legado que cortou nossa sensibilidade em relação a uma Terra viva”, diz Starhawk (2018, p. 59). Seria a magia

uma forma de retomarmos saberes das mulheres e suas conexões com a natureza? Uma forma de subversão aos saberes instituídos?

Como reativar a magia na escola?

Em “Reativar o animismo” (2011), a filósofa Isabelle Stengers propõe um caminho para além da dualidade racionalista. Ela convoca, apoiada pelas bruxas neopagãs, o rompimento com a ideia de única verdade na direção de uma forma múltipla e anárquica de saberes, apoiada na imagem do rizoma (Gilles Deleuze; Félix Guattari, 1997). Por que seria importante validar a magia como verdade? Para Stengers, o aprendizado está na experiência. Buscar validação seria atuar segundo o pensamento colonizador. Segundo ela, é preciso reivindicar a magia e o reencantamento do mundo sem precisar da ideia de validação: podemos “nos livrar da triste e monótona vozinha crítica ou reflexiva que sussurra que não devemos aceitar ser mistificados, uma vozinha que faz ecoar a dos inquisidores” (Stengers, 2011, p. 12).

Em “Gaia educação” (2019), Paola Zordan propõe uma educação alegre, criativa, sensível, que não busca o controle, a permanência ou a estabilidade: “Gaia educação não se ocupa em representar, reproduzir, identificar, classificar, mas discernir forças e se arriscar em experimentações” (Zordan, 2019, p. 18). Para ela, “a matéria imanente ao pensamento é dinâmica e está em permanente transformação (...) um conceito é uma criação para aproximar o pensamento, via as palavras que o pensar carrega, para o que pulsa na matéria” (Zordan, 2019, p. 33). Enquanto a educação tradicional tenta dar conta de explicar os fenômenos do mundo “como eles realmente são”, a matéria se transforma. Gaia Educação é um convite a deixar fluir o pensamento atravessado pelas sensações. Seria possível dançar com a imprevisibilidade e o caos, para então inventar uma outra educação? Reside aí um campo imanente de potências criadoras em direção ao enfrentamento das forças reacionárias que tentam aprisionar o pensamento, a educação e os corpos/sexos/gêneros de homens e mulheres em subjetividades binárias

empobrecidas e asfixiantes. É preciso resistir, mas de forma alegre, criativa, potente e “liberar a vida lá onde ela é prisioneira” (Deleuze; Guattari, 1997, p. 23).

Arriscar-se em experimentações é também aproveitar os vazios e as brechas do ensino hegemônico - racionalista, patriarcal, racista, heterossexista, conservador - para inventar outras práticas. Nesse sentido, o oráculo convida a criar imaginários por meio das identificações com as imagens e histórias das mulheres aí representadas. MPT traz imagens de mulheres protagonistas, que revolucionaram seus espaços e tempos, que resistiram aos cânones patriarcais, tais como Emmeline Pankhurst⁸ ou Carolina Maria de Jesus⁹, povoando o imaginário com uma visualidade daquilo que foi invisibilizado, negado, excluído. Por meio das imagens, o oráculo afeta, produz sensações e realiza conexões do sentir com o pensar. O oráculo acontece na presença. Faz pensar sobre si, sobre o mundo, sobre as relações, através do que é sentido e experimentado naquele momento. Ele não traz respostas prontas, mas instiga novas associações. A criação de novos sentidos faz-se resistência, revolução, sobretudo em se tratando de imagens de mulheres inspiradoras e transgressoras.

Para a arte-educadora e pesquisadora Hong-An Wu, o Tarot - um dos oráculos mais conhecidos e popularizados no ocidente - seria uma “tecnologia de cuidado, com potencial pedagógico, para educadores e, quiçá, para estudantes” (Hong-An Wu, 2020, p. 201). Ela considera a tecnologia uma “forma de conhecimento” ou ainda “o que as pessoas fazem a partir do conhecimento”: A relação entre fazer e saber. Para além do objeto material, ela traz a importância das intenções e reflexões que cada objeto pode vir a manifestar - é aí que reside o significado desse objeto. Os oráculos foram e são uma importante forma de conhecimento ao longo de séculos. Desde os tempos do Iluminismo na Europa, o Tarot foi marginalizado e deslegitimado, excluído sistematicamente das comunidades científicas e religiosas, pois ele refutava a

⁸ Emmeline Pankhurst (1858 – 1928) foi uma das fundadoras do movimento britânico pelo voto feminino - o sufrágio. Em 1903, fundou a *Women's Social and Political Union* (WSPU) através do qual organizou muitas manifestações, em que discursou e foi presa inúmeras vezes.

⁹ Carolina Maria de Jesus (1914 – 1977) é considerada uma das primeiras e mais importantes escritoras do Brasil. Tem sua origem na favela do Canindé, São Paulo e, catadora, registrava o cotidiano da comunidade em cadernos que encontrava no lixo.

epistemologia hegemônica da época. Hong-An Wu está falando do caráter “híbrido” de conhecimento que o Tarot e outros oráculos apresentam, pois invocam multiplicidades de modos de reconectar o conhecimento intuitivo e o racional.

A socióloga brasileira Fátima Tavares (1999) propõe a utilização e o aprendizado do Tarot como uma forma de transpor as divisões de saberes da modernidade intuição x razão, pois quando é realizada a leitura de uma carta se articulam ambas as formas de conhecimento. O aprendizado do Tarot, para ela, permite “uma nova forma de percepção de si mesmos e do mundo, no intuito de criar alternativas a uma realidade cotidiana que, em termos sociológicos, pode ser compreendida como - potencialmente, pelo menos - desencantada.” (Tavares, 1999, p. 99). Ele seria, portanto, “vivenciado como uma ‘porta de acesso’ possível a uma busca mais ampla de sentido, ou de reencantamento do mundo” (Tavares, 1999, p. 99). Também para Sallie Nichols (1997), as cartas do tarot, nascidas num tempo em que o misterioso e o irracional eram mais reais que hoje, “são uma ponte para a sabedoria ancestral do nosso eu mais íntimo. E uma nova sabedoria é a grande necessidade do nosso tempo. (Nichols, 1997, p. 18)

Se, como sustenta Jung, “cada sistema filosófico é mera tentativa, da parte do intelecto, de criar uma ordem lógica no aparente caos de imagens nascidas do inconsciente” (Jung, 2020, p. 23), resgatar a sabedoria ancestral das mulheres, das benzedeiras, das magas e artistas - geralmente chamadas de bruxas - reativando os saberes mágicos e dissidentes é resistir à ideia de que a ciência - sabidamente racionalista, patriarcal e colonialista - é a única forma válida de narrar o mundo.

Algumas palavras finais

É importante, portanto, despatriarcalizar e descolonizar nossas epistemologias e nossos currículos, resgatando outros saberes, tais como os produzidos pelas mulheres. E, vale ressaltar, mulheres são tomadas aqui em uma multiplicidade de singularidades que

escapam a qualquer essencialismo, pressupondo, talvez, a partilha de experiências comuns desde corpos sexuados: “na mulher se cruzam a história de todas as mulheres, sua história pessoal, a história nacional e internacional. Enquanto combatente, é com todas as libertações que a mulher forma um só corpo” (Hélène Cixous, 1975/2002, p. 57).

Entendemos o oráculo como ferramenta que mobiliza encontros, gera afetos e potencializa as vivências educativas, produzindo conhecimento a partir da relação entre o intelectual e o sensível, sobretudo por se tratar de encontros com imagens. Nesse sentido, a descolonização do feminino “não é possível sem um processo de cura realizado por meio de imagens transformadoras” (Cláudia L. Costa, 2020, p. 320). Esse trabalho se implica na construção de uma educação que considere a multiplicidade de formas de aprendizagem, que valorize subjetividades e diferenças, e que inclua epistemologias não eurocêtricas e não patriarcais e pensamentos de tradição não apenas racionalista. Porque, “se toda a história da escrita se confunde com a história da razão” (Cixous, 2022, p. 49), precisamos invocar as forças invisíveis do inconsciente e da magia, “lugar no qual sobrevivem os recalcados: as mulheres e as fadas” (Cixous, 2022, p. 51).

Ao darmos visibilidade às contribuições das mulheres à cultura, por meio do oráculo, não só em seu conteúdo - de mulheres que fizeram história - mas em sua forma de expressão - que resgata os saberes mágicos, dissidentes e contra-hegemônicos ao ensino racionalista tradicional, pretende-se (ins)pirar práticas (in)docentes, indecentes e irreverentes. Soprar poções mágicas sobre a educação e deixar, assim, que a força das mulheres irrompa pelas brechas do projeto colonial, convidando à invenção de novas e ousadas formas de existência. E de educação.

Referências

- BIROLI, Flávia; VAGGIONE, Juan Marco; MACHADO, Maria das Dores Campos. *Gênero, neoconservadorismo e democracia: disputas e retrocessos na América Latina*. São Paulo: Boitempo, 2020.
- BRASIL. *Lei n. 14.986, de 25 de setembro de 2024*. Dispõe sobre a obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 25 set. 2024.
- CAIXETA, Vera Lúcia; ARRUDA, Daniel Leda de. Imagens de mulheres indígenas no livro didático: uma abordagem decolonial. *Revista Escritas*, Araguaína, v. 15, n. 1, p. 187-209, set/2023.
- CIXOUS, Hélène. *O riso da medusa*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2022.
- COSTA, Cláudia de L. Feminismos decoloniais e a política e a ética da tradução. In: HOLLANDA, H. B. (Org.). *Pensamento feminista hoje: Perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020, pp. 320-344.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 1997. v. 4.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. Tradução: coletivo Sycorax. São Paulo: Elefante, 2017.
- JUNG, Carl. *O homem e seus símbolos*. São Paulo: HarperCollins, 2020.
- KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *Malleus Malleficarum: Manual da caça às bruxas*. São Paulo: Ed. Três, 1976 [Original publicado em 1496].
- LARA, Camila; ABREU, Gabrielen. As Mulheres nos Livros Didáticos de Ensino Médio: Avanços e Desafios de Representatividade. *Revista ENSIN@*, UFMS, Três Lagoas, v. 3, n. 7, p. 65-85. 2022.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *O Pensamento Selvagem*. São Paulo: Papirus, 1991.
- LOPONTE, Luciana. Mulheres e artes visuais no Brasil: caminhos, veredas e descontinuidades. *Visualidades*, Goiânia, v. 6, p. 13-31, 2008.
- MERCHANT, Carolyn. *Death of Nature: women, ecology, and the scientific revolution*. San Francisco: Harper and Row, 1980.
- NICHOLS, Sallie. *Jung e o Tarot: Uma jornada arquetípica*. São Paulo: Cultrix, 1997.
- SANTOS, Monaliza; CORDEIRO, Eugenia. Contra Hegemonia e Pluralidade de Saberes na Educação à Luz da Sociopoética. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, v. 45, n. 4, 2020.

PERENCINI, Thiago. *Educação, filosofia e magia: uma anarqueologia do cuidado de si entre o Daimon e os sonhos* [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020.

RUFINO, Luiz. *Pedagogia das Encruzilhadas*. YouTube, 14 de dezembro de 2020. Duração: 01:56:06. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=il0mhfDcAIg&t=5625s> Acesso em: 22 ago.2024.

RUFINO, Luiz; SIMAS, Luiz Antonio. *Flecha no tempo*. Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

STARHAWK. Magia, visão e ação. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, São Paulo, Brasil, n. 69, p. 52–65, 2018. DOI: 0.11606/issn.2316-901X.v0i69p52-65. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/145633>.. Acesso em: 30 out. 2024.

STENGERS, Isabelle. Reativar o animismo. *Caderno de Leituras*, Belo Horizonte, v. 62, p. 1-15, 2017.

TAVARES, Fatima. Tornando-se Tarólogo: Percepção “Racional” versus Percepção “Intuitiva” entre os Iniciantes no Tarot no Rio de Janeiro. *Numen*, Juiz de Fora, v. 3, n. 1, p. 97-123, 1999.

ZORDAN, Paola. *Gaia educação: Arte e filosofia da diferença*. Curitiba: Appris, 2019.

ZORDAN, Paola. Virgem Senhora Nossa Mãe Paradoxal. *História: Questões & Debates*. Curitiba, v. 65, n.2, p. 239-263, jul./dez. 2017.

ZORDAN, Paola. Os Saberes mágicos do início da modernidade. *Revista Teias*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 33, pp.157-167, 2013.

ZORDAN, Paola. *Magia: O que é, como se criou, e porque interessa*. YouTube, 21 de abril de 2021. Duração: 01:02:26. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jTP4CFqRkeo> Acesso em: 14 abr. 2025.

WU, Hong-An. Tarot as a Technology. *Journal of Cultural Research in Art Education*, Tucson, v. 37, n. 1, 2020.

Recebido em abril de 2025.

Aprovado em julho de 2025.

APÊNDICE



